

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Corpo, sensibilidades e emoções: narrativas sobre a perda da visão.

Luiz Gustavo Pereira de Souza Correia.

Cita:

Luiz Gustavo Pereira de Souza Correia (2009). *Corpo, sensibilidades e emoções: narrativas sobre a perda da visão*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/2151>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Corpo, sensibilidades e emoções: narrativas sobre a perda da visão

Luiz Gustavo Pereira de Souza Correia
Grupo de Estudos em Antropologia e Sociologia das Emoções – UFPB
luizgustavopsc@gmail.com

Este texto apresenta passagens e narrativas sobre experiências da perda da visão de indivíduos cegos com que dialoguei em Porto Alegre – RS durante pesquisa de campo que resultou na minha tese de doutorado em Antropologia Social na UFRGS. São narrativas que traçam relações entre o corpo dos indivíduos e a materialidade do mundo e revelam formas de interação reconfiguradas pela comunicação por códigos não-visuais. As emoções expressas nas narrativas - o sofrimento, a vergonha, o luto, a solidão, o medo ou ainda o sentimento de pertença - são entendidas como construções intersubjetivas, elaborações simbólicas dos personagens da sua localização e orientação social.

O corpo é aqui compreendido como condição do indivíduo experienciar os sentidos compartilhados em relação com o mundo, sendo as emoções corporificadas apreensões e expressões destas experiências ou sensibilidades individuais. A cegueira, desta forma, surge como elemento do jogo social, fator de semelhança e dessemelhança no cotidiano. O corpo, como efetivação do indivíduo, faz circular as emoções que o localizam socialmente e revela as tensões nas trocas intersubjetivas no cenário urbano.

Na construção do meu argumento busco apresentar dois espaços constituintes do meu percurso em campo: o Centro Louis Braille e a Associação dos Cegos do Rio Grande do Sul.

Centro Louis Braille

O Centro Louis Braille é uma unidade constituinte da Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas Portadoras de Deficiência e Pessoas Portadoras de Altas Habilidades no Rio Grande do Sul. De início procurei permanecer diariamente à tarde na recepção e acompanhei as aulas de Orientação e Mobilidade. O treinamento externo tinha o objetivo de passar uma série de regras de etiqueta, em um sentido aproximado ao que entende Elias (1990, 2001) e o uso da bengala como “elemento definidor de situação” (GOFFMAN, 1998).

As proposições sobre os objetos e seus manuseios relacionados a uma habilidade, uma economia dos gestos e das emoções, e uma etiqueta como expressões de uma interação específica entre os sujeitos e a configuração social em que agem e convivem (ELIAS, 1990) despertaram a possibilidade de explorar os significados atribuídos à bengala pelos indivíduos cegos e como tal instrumento pode revelar um jogo tenso de identificação e conflito vivido pelos cegos no cotidiano. Tais abordagens, se usadas para pensar o manuseio da bengala e a economia de gestos apreendida nas atividades do treinamento, permitem as reflexões sobre a série de emoções envolvidas na relação entre o corpo, os gestos e os instrumentos materiais. Uma via de compreensão da re-configuração do corpo e sua re-inserção nos espaços públicos e privados.

Seja nas aulas e conversas com as professoras e monitoras do Centro ou nos manuais e vídeos didáticos sobre o uso da bengala na orientação e locomoção, sempre percebi ressaltado o objetivo de possibilitar uma “vida mais independente” aos indivíduos sem visão. A re-socialização, ou re-inserção do sujeito na sociedade, também está diretamente ligada aos discursos sobre o papel da bengala no processo de adaptação dos sujeitos cegos. Nas falas dos clientes entrevistados também se encontra a bengala relacionada aos processos de socialização e às vivências e apreensões dos espaços e trilhas da cidade. No entanto, os significados atribuídos a essa etapa do processo pelos indivíduos que perderam a visão são, obviamente, muito mais tensos e controversos do que transmite o discurso da “vida independente” ou da “re-inclusão do indivíduo”.

O estranhamento da situação do corpo - a reconfiguração corpórea - e dos instrumentos de orientação e deslocamentos surge com toda a carga pelos sentidos atribuídos às emoções como o medo e a vergonha. Ficam claras aqui a apreensão e a expressão desses elementos pelas práticas cotidianas dos indivíduos em suas interações sociais e as formas de sociabilidade que estabelecem.

A recorrente citação da vergonha possibilita apreender tais sentimentos de estranhamento. Como embaraço pela falta de habilidade exigida aos olhos dos outros e como receio da demonstração pública do sofrimento e da perda da visão, a vergonha é experienciada

nas ações sociais ligadas às caminhadas com a bengala e nos primeiros contatos com a sociedade. Um cliente do Centro que me falou sobre o seu processo de elaboração da perda da visão relacionado à vergonha e à insegurança vivenciadas no cotidiano foi Rogério. Ex-taxista, morador da zona metropolitana de Porto Alegre, perdeu a visão havia nove anos e freqüentava o Louis Braille havia dois anos.

“os primeiros cinco anos foi terrível, né, terrível. Eu tentava não demonstrar isso, tentava não demonstrar, ficava mais doído por dentro e agora nesses dois anos em diante a coisa melhorou pro meu lado, sabe. Eu tô mais confiante, vamo dizer, de primeiro eu tinha vergonha de mostrar a bengala, né. Bah, Deus o livre, antes eu ia pro Braille e vinha com ela fechada, e tu viu, né, essas calçadas daqui do bairro são umas porcaria. Eu descia do ônibus e ia pelas calçada bem devagarinho, tentando caminhar sem a bengala. Eu tinha vergonha, sabe. Eu creio que... eu acho que de repente.. como eu te disse, que eu sempre tenho uma esperançazinha, e isso aí me dificulta de repente um pouco, sabe. Se largasse isso aí um pouco... mas também pensando, a gente não pode viver sem esperança, sem esperança a gente não é ninguém, né. E daí eu sempre tenho a esperança e creio que isso me dificulta um pouco. (...) Esses cinco anos, a dor da perda eu tentava não expor tanto. Eu botava pra fora mais com a minha mulher e com o meu filho. E pra vizinhança eu ficava mais calado, eu tinha vergonha, tinha mesmo. Agora até nem tanto, mas, bah, nesses cinco aí tinha vergonha, né. Eu andava com a bengala fechada. Eu hoje quando ando com a mulher eu ando com ela fechada, mas sozinho eu ando com ela aberta, pra me identificar, né. (...) Eu me identifico sozinho. Quando eu tô com ela eu prefiro andar com ela fechada, não sinto insegurança, não, eu me sinto mais à vontade. Porque eu fico pensando que tem muito batedor de carteira no centro, né. E os cara vê, ‘bah, esse cara é cego, é uma barbada, né’. E eu fico pensando, de repente, pra evitar isso, né. Eu creio que uma pessoa com deficiência é mais fácil pro cara”.

O discurso de Rogério – carregado de tensões e conflitos pelo sofrimento solitário expresso em passagens como “a dor da perda eu tentava não expor”, ou “ficava mais doído por dentro”, pela vergonha, “pra vizinhança eu ficava mais calado, eu tinha vergonha, tinha mesmo”, e pelo medo, “porque eu fico pensando que tem muito batedor de carteira no centro, né. E os cara vê, ‘bah, esse cara é cego, é uma barbada, né”, exprime as impressões e ações significativas vividas por ele e como pensa seu sentido de individualidade nos jogos sociais do cotidiano.

O período em que tive contato mais sistemático com as pessoas do Centro direcionava minhas observações às interpretações individuais expressas nas narrativas, mais que a uma

discussão dos sentidos de uma identidade grupal ou de um sentimento de pertença coletivo. Mesmo em meio às atividades e espaços cotidianos de uma determinada coletividade, nunca parecia estar em jogo uma memória grupal.

A fragmentação e a individualização da vida urbana ficavam marcadas pelos significados atribuídos à perda da visão nas falas dos clientes do Centro. Assim, como um local onde se estabelecem formas de sociabilidade urbanas, com movimentos e rupturas contínuas, o Louis Braille encaminhava a investigação sobre os sentidos acerca da perda da visão para as vivências individualizadas do luto e das reconfigurações corpóreas e subjetivas. Os sentidos envolvidos no projeto de vida dos clientes, quando este é rompido pela cegueira, são percebidos a partir de um afastamento do sujeito da vida social, do mundo externo. Eram recorrentes narrativas sobre o processo de distanciamento, a quebra de sentidos compartilhados de afetos e ações no mundo, revelados no isolamento individual e na barreira emocional estabelecida entre o sujeito e o mundo. A perda da visão acarretava conflitos e distanciamentos dos sujeitos de suas esferas de pertença e do rompimento dos laços até então compartilhados.

O embaraço pela exposição de uma fragilidade frente às ameaças do dia-a-dia simbolizada no manuseio da bengala, bem como outras impressões relatadas, seja de afastamento das pessoas entendido como “medo de contágio” ou ainda a incapacidade de prover financeiramente a família, são faces da sensação de inadequação frente às tarefas necessárias para a plena inserção no jogo social. “A rua como espaço próprio do olhar que esvazia o corpo” (MARTINS, 1996) tem como sintoma o si-mesmo como estranho. O estranhamento em relação à reconfiguração corpórea passa pelo deslocamento do lugar próprio no mundo ao não compartilhar símbolos e elementos visuais, o corpo percebe na nova relação com o mundo o espaço público como espaço do medo, do não familiar. Esse sofrimento íntimo, a vida que perdeu o sentido, é o reflexo das formas de interação e economia emocional das sociedades contemporâneas captado pelas pessoas que perderam a visão. A ruptura de um projeto de vida, percebido unicamente como individualizado e separado do mundo externo, causa no mundo íntimo do sujeito a impossibilidade de compartilhamento de sentidos.

ACERGS

Em contraste com tal espaço, apresento passagens da minha permanência na ACERGS, Associação de Cegos do Rio Grande do Sul. De forma mais específica, trago narrativas e instantes vivenciados na sala de recepção da associação, espaço de sociabilidade onde pude perceber a descontinuidade do cotidiano como subversão nos eventos em que o grupo ali presente rompia a lógica da visualidade e da visibilidade da sociedade. Uma etiqueta distinta, como conjunto de

códigos compartilhados e acionados, que ressignifica num determinado recorte espaço-temporal os sentidos de um corpo visível, visto e representado à percepção visual.

Como vidente, estou acostumado a expressar e interpretar os sentidos da aproximação e do distanciamento com a expressividade dos gestos e da face. A construção da fachada (GOFFMAN, 1999) e da ambiência naquele espaço seguia regras de conduta a que tive de me adaptar, ou, pelo menos, tentar. A comunicação dava-se prioritariamente via expressão sonora. Era necessário que eu apreendesse as formas de comunicação - basicamente sonora - e decodificasse os códigos simbólicos que estabeleciam e norteavam essas interações entre os frequentadores mais assíduos e integrados. As conversas, as breves narrativas, as falas aparentemente despretensiosas, bem como os cortes, as pausas e os silêncios, possuíam dinâmicas e interpretações intercambiadas num processo próprio em que era necessário me inserir.

A intimidade dos frequentadores da ACERGS com o espaço contrastava com o meu estranhamento. Além do forte embaraço por ser o único vidente do ambiente em diversos momentos, fazer campo em um lugar fechado, apertado e, ainda por cima, barulhento como aquele era desafiador. Os encontrões e trombadas entre os frequentadores do espaço eram constantes. Alguns dos cegos se deslocavam nos corredores com velocidade que eu considerava perigosa. Ficava sempre temeroso em relação a um choque maior com os demais usuários do lugar ou com os extintores à meia altura nas paredes.

Era fundamental demonstrar o conhecimento e o respeito aos códigos como forma de assegurar a importância de pertencer ao grupo. Dessa maneira cultivava-se o sentimento grupal de coesão e o sentimento pessoal de pertença. Portar-se de tal maneira, fazer-se presente pela voz ou por sinais sonoros, era a forma competente de utilização do corpo naquele espaço, significa marcar o seu espaço como alguém do grupo, possibilita escrever sua história naquele espaço.

A sala se configurava como espaço de descontinuidade, de subversão do cotidiano. Ali onde se produz um vivido nos termos de José de Souza Martins - seguindo Lucien Lefebvre - como contradição, como espaço e momento de criação. Tal criação, como recorte determinado no espaço/tempo, surgia pela ação motivada dos sujeitos, pela intencionalidade dos sujeitos. Abria-se o cotidiano à invasão e subversão pelos instantes de criação nos momentos de interação entre sujeitos em meio às práticas ordinárias. A subversão como descontinuidade do cotidiano rompia a lógica da visualidade e da visibilidade da sociedade. Uma etiqueta distinta, como conjunto de códigos compartilhados e acionados, ressignificava num determinado recorte espaço-temporal os sentidos de um corpo visível, visto e representado à percepção visual.

Pela apropriação do espaço físico e simbólico através da atribuição de significados e pelas dinâmicas dos frequentadores, a ACERGS, como um lugar de memória, se forja como ambiente em que projetos pessoais e grupais são intercambiados. Longe de significar uma homogeneidade coletiva, a apreensão simbólica deste espaço, a pertença ao grupo local, configura uma identidade grupal que compartilha, alimenta e reproduz suas memórias nas narrativas próprias e nas rupturas com as normas e os códigos da sociedade mais ampla.

Uma das passagens que provocou tais proposições aconteceu em uma tarde na recepção da ACERGS. Em determinado momento, após algumas discussões do grupo sobre os perigos e receios da vida contemporânea em comparação à tranquilidade e à segurança vivenciada no cotidiano anos atrás – algo quase sempre em pauta na recepção - fez-se silêncio no local. O silêncio durou pouco mais que um minuto, imagino, mas parecia bem mais longo para o ritmo corriqueiro das conversas do lugar.

Nesse instante, Seu Andrade interrompe o silêncio com a frase, aparentemente fora de contexto, “sabe, preferia ter morrido naquele dia a ficar cego. Tragédia pra mim não foi o que aconteceu naquele dia, foi tudo o que veio depois. Só tive tristeza e traição depois daquilo. Traição de amigo, traição de família, traição de mulher... Somente, somente tive isso. Todo mundo me traindo pelas costas. Pra viver assim, era melhor ter morrido. Tava melhor morto do que cego. Era melhor ter morrido mesmo...”

Este momento me parece interessante pelo papel do cenário e das pessoas presentes na emergência do ato narrativo. A fala de Seu Andrade ilustra de que maneira a relação entre o sujeito da narração e o contexto de suas interações sociais é refletida no evento narrativo. Com uma comunidade que compartilha sentidos – em especial a perda da visão, estopim da narrativa – a fala era um mergulho na experiência e uma exposição das apreensões das vivências em um mundo comum.

No momento em que irrompe do silêncio de introspecção e verticalização dos tempos subjetivos, o ato narrativo tensiona o lugar do sujeito e dos seus parceiros/ouvintes em interação. O indivíduo faz-se presente como alguém em trabalho de compreensão e interpretação de sua auto-imagem, em um golpe, em um salto, na potencialidade da narração de sua biografia “saturada de tensões” emergindo na banalidade do cotidiano.

A história da traição contada por Seu Andrade expõe a percepção da condição de segurança, um sentimento de confiança em relação aos demais presentes. Exibe um sentido de familiaridade, de intimidade com o grupo. Dessa forma, abrir-se, em termos de uma sensação de frustração com o mundo e com o universo relacional próximo, reafirma os sentidos de confiabilidade nos membros do grupo, reafirmando-o como rede de afetos.

Nessa dinâmica da revelação, abrir-se significa demonstrar confiança e, como tal, atribuir importância ao grupo do pedaço como segunda casa. Compartilhar a posse de um dado íntimo é assim consolidar o sentido do grupo como uma comunidade de afetos, de semelhantes. A exposição desse mergulho na subjetividade parece uma habilidade do narrador de construir um espaço de trocas de experiências na configuração do grupo de iguais como prolongamento do eu, sua face no social. Falar sobre traição - o elemento de tensão na dinâmica do segredo para Simmel (1999) - explicita a importância da confiança como elemento diferenciador das pessoas constituintes do grupo em relação aos outros.

Algumas Considerações

O contraste de tais passagens nos espaços distintos é uma forma de mostrar as especificidades da vivência de sujeitos que perderam a visão através de suas sensibilidades individuais elaboradas e dinamizadas nas práticas cotidianas. Seja em eventos de re-conhecimento do mundo, em que a insegurança, a vergonha e o embaraço surgem sem o encobrimento da cotidianidade, quando as primeiras inserções no cotidiano parecem o expor desprotegido ou estranho, ao mesmo tempo em que expõe o mundo desvelado, aberto em suas tensões.

As caminhadas com a bengala surgiam nas narrativas como exercícios de sentir as “provocações do mundo” (BACHELARD, 2001) à nova condição corpórea e às novas sensibilidades do sujeito. A bengala e os gestos relacionados a seu uso nos deslocamentos corporais configuravam uma nova maneira de se portar no mundo, estabeleciam uma nova auto-imagem emocional e corpórea do sujeito, corporificavam as emoções dos indivíduos.

Uma nova relação entre a materialidade do indivíduo e a materialidade do mundo se estabelecia de maneira imediata nos trajetos pela cidade. Ao pensar as emoções sentidas, percebidas, interpretadas e expressas pelo corpo em ação e relação com outros corpos e interpretações do e no mundo, buscava entender as tensões, apreensões e embaraços sentidos nesses momentos de adaptação e reconfiguração corpóreas como elementos da construção dessa nova sensibilidade e percepção do mundo, de uma nova localização social e compreensão de si como ser-no-mundo. Os códigos compartilhados e as interpretações pessoais acerca deles, como definidores de identidades individuais, reconfiguravam a noção de si nos sujeitos cegos. Nesse sentido, as caminhadas, os deslocamentos e os encontros no social eram os eventos da negociação dessa nova subjetividade. Subjetividade sempre pensada como intimidade incorporada.

O caminhar dos cegos revelou a impossibilidade de se integrar à paisagem urbana de forma passiva, tal como foi tantas vezes falado, escrito e estetizado nas ciências sociais e nas

artes. Eles expõem de maneira inequívoca as relações, tensões, conflitos e interações do cotidiano, representados pelos esbarrões, pela insegurança, pelo estranhamento, pelo desconforto, pelo embaraço, enfim, pela concretude da relação corpórea do sujeito com o mundo.

Como contraponto se impõe o espaço onde a etiqueta, como forma negociada de expressão das emoções, conjunto de códigos de administração do corpo, é a maneira de reafirmar a pertença ao grupo específico, o engajamento da memória e a possibilidade de efetivação de um projeto pessoal e grupal no cenário urbano. O corpo, como suporte e expressão das experiências e das ações dos sujeitos (LE BRETON, 2007), afirmava a heterogeneidade e as diversidades das apreensões dos sentidos de ser cego nas vivências cotidianas, quebrava as impressões e significados atribuídos externamente sobre o grupo de cegos como algo homogêneo ou determinado por fatores físicos. Assim, a sala se configurava, pela apropriação dos sujeitos, como espaço de referência do grupo em que podiam se perceber como semelhantes e como individualidades distintas. O grupo e os indivíduos constituintes se fundavam e se mantinham neste recorte espaço-temporal através da expressividade específica compartilhada e dinamizada no local. A etiqueta do grupo, a manifestação sonora e a gestão do corpo como forma de se fazer presente, revelou a intencionalidade das pessoas de estabelecer e sustentar a possibilidade de localizarem-se coletivamente e individualmente, como sujeitos pertencentes ao grupo específico configurado na recepção.

Fazer-se presente naquele espaço daquela maneira é dar substancialidade ao grupo, dar corpo ao grupo. Assim, efetivar-se a partir de uma determinada expressividade corporal funda o grupo e a própria pessoa como distintos dos demais indivíduos e grupos sociais. A subversão do ritmo da sociedade mais ampla em um tempo e um espaço compartilhado próprio, vivenciado e dinamizado por regras de etiqueta corporal determinada, distingue e identifica o grupo e as pessoas.

Referências

- AYESTA, Iban. **Berlin, fin de millennium: an experiment in corporeal ethnography**. Londres, 2003. (Tese de Doutorado). Department of Anthropology University College.
- BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- _____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **A terra e os devaneios da vontade – Ensaio sobre a imaginação das forças**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARRETO, Maria Cristina Rocha. Individualismo e conflito como fonte de sofrimento social. In: **Política e trabalho**. João Pessoa: PPGS-UFPB, n. 17, 2001.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política; ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994a.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. 2 vols., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990; 1993.
- _____. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- _____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. Footing. In: **Sociolinguística interacional**. Porto Alegre, Ed. AGE, 1998.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Amor e dor – Ensaios em Antropologia Simbólica**. Recife: Ed. Bagaço, 2005.
- _____. Enraizamento, pertença e ação cultural. In: **Cronos**. v. 2, n. 1, pp. 131-137, jan/jun, 2001.
- _____. **Sociologia da emoção**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. **O vínculo ritual – Um estudo sobre sociabilidade entre jovens no urbano brasileiro contemporâneo**. João Pessoa: Ed. GREM/ Ed. UFPB, 2006.
- LE BRETON, David. **El sabor del mundo – una antropología de los sentidos**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2007.
- MAGNANI, José Guilherme Castor. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. [online]. In: **NAU-Núcleo de Antropologia Urbana da USP** Disponível via WWW (<http://www.n-a-u.org/DEPERTOEDENTRO.html>). Capturado em 12/01/2004.
- _____. Quando o campo é a cidade. In: **Na Metrópole - textos de antropologia urbana**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996.
- MARTINS, José de Souza. **(Des)figurações – A vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole**. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- _____. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: HUCITEC, 2000.
- _____. **Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole**. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- RABELO, Miriam Cristina & ALVES, Paulo César. Tecendo self e emoção nas narrativas de nervoso. In: **Experiência de doença e narrativa**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.
- RICOEUR, Paul. Indivíduo e identidade pessoal. In: **Indivíduo e poder**. Lisboa: Edições 70, 1988.

- _____ . **O si mesmo como um outro**. Campinas: Papirus, 1991.
- _____ . **Tempo e narrativa**. 3 vols. Campinas: Papirus, 1994.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio (org.). **O Fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.
- _____ . A ponte e a porta. **Política e trabalho**. João Pessoa: PPGS-UFPB, n. 12, 1996.
- _____ . O estrangeiro. In: **RBSE**, vol 4, n. 12. João Pessoa: GREM, 2005.
- _____ . O segredo. In: **Política e trabalho**. João Pessoa: PPGS-UFPB, 1999.
- WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- WAGNER, H R. **Fenomenologia e relações sociais – Textos Escolhidos de Alfred Schutz**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.